

## AS LUTAS TRADICIONAIS KAINGANG DO SÉC. XXI: HISTORICIDADE E DESENVOLVIMENTO.

Paulo Caldas Ribeiro Ramon\*  
Luane Maciel Freire\*\*

### RESUMO

O presente trabalho aborda as transformações ocorridas nas manifestações corporais Kaingang no estado do Paraná, fora desenvolvido por meio do Projeto “O Esporte/Lazer em Comunidades Indígenas no Estado do Paraná”, para tal fora elencados a prática descrita como Canjirê e Pinjirê como uma prática bélica, as manifestações identificadas na contemporaneidade são as Lutas Tradicionais Kaingang que em um primeiro momento muito se assemelha com o Judô, no entanto, um registro claro acerca de seu surgimento ainda não se sabe. Busca-se por meio da análise antropológica e pelo viés da psicologia histórico cultural a compreensão da transformação, sendo assim uma prática cultural ressignificada, ou seja, os valores sociais ainda estão atuando na dinâmica da comunidade, mostra elementos acerca da historicidade Kaingang e do Estado do Paraná, possibilitando assim vindouras práticas pedagógicas na educação física no estudo da luta com base em registros etnográficos, desenvolvimento da psiquê em enfoque dialético.

**Palavras Chave:** Lutas Corporais, Materialismo Histórico Dialético, Etnia Kaingang.

O presente trabalho fora possibilitado pelo Projeto de Pesquisa intitulado “Políticas Públicas de Esporte/Lazer nas Comunidades Indígenas”, e financiado pelo ministério do Esporte e Rede Cedes, busca-se então a compreensão da historicidade do povo Kaingang, mais precisamente nas esferas das lutas corporais em relatos Etnográficos de elencados Mota(2009), e fundamentações teóricas de autores como Darcy Ribeiro(1977) e Fassheber(2010).

Para uma análise mais fecunda, pragmática crítica, fora elencada a Psicologia Histórico-Cultural, com base em conhecimentos desenvolvidos por Lev Semioch Vigotski(1896-1934) no impacto da psiquê, trazida para a análise na mudança dos Jogos Tradicionais e os Modernos, a presente pesquisa ainda se encontra em andamento.

A partir de registros etnográficos encontrados e possibilitados em parceria com o LAEE (Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história) fora possível identificar práticas descritas pelos pioneiros paranaenses acerca das práticas corporais, concomitantemente a este levantamento, fora possível a coleta de dados sobre as atuais práticas corporais Kaingang, nos 27 aldeamentos(demarcados e não-demarcado) que há presença da etnia Kaingang com clara predominância no Futebol, sendo o futebol um meio claro de intercâmbio cultural e aproximação com a sociedade envolvente.

Atualmente os Kaingang têm uma população estimada de 29 mil habitantes, no estado de São Paulo há 2 (duas) reservas, Paraná 11 (onze), Santa Catarina 6(seis) e no Rio Grande do Sul 13(treze) comunidades, tendo uma população estimada de 29 mil habitantes, estão entre as 5 etnias indígenas mais populosas do Brasil.

As Lutas Corporais Kaingang foram encontradas em duas comunidades na Região de Laranjeiras do Sul, as terras de Rio da Cobras e Boa Vista, sendo descritas da seguinte forma, em viagens de campo fora possível a descrição minuciosa, somado a elementos já conhecidos a partir do Judô e do próprio Jiu-Jitsu.

O presente trabalho se justifica frente a busca da compreensão dos elementos da cultura Kaingang, levando em consideração que as lutas são elementos essenciais da presente etnia, mostrando-se assim fecunda, e de imprescindível interdisciplinaridade, abarcando elementos da psicologia, etnologia e educação física.

Além de uma compreensão da historicidade do próprio estado e do conhecimento científico produzido, tem-se a lei n.º 10.639/2003 que determina a obrigatoriedade do estudo das culturas Afro-brasileira e Indígenas em escolas não indígenas, deste modo, a produção de conhecimento da etnia Kaingang se faz imprescindível para a aplicabilidade de postulados pedagógicos coerentes e livres de interpretações eurocêntricas tão arraigadas em nossa sociedade, que muitas vezes está impregnada de uma visão demasiadamente romântica que frequentemente levam a uma desumanização e cristalização cultural de tais povos pela sociedade envolvente como descreve Mota(2009). Deste modo será possível uma relação mais próxima entre a academia científica e a etnia em questão, em uma tentativa de estreitar o hiato existente entre os conhecimentos historicamente construídos e práticas pedagógicas vindouras, compreendendo a construção inter-psíquica proposta pelo materialismo histórico dialético.

A possibilidade de tal estudo contribuirá diretamente para que se façam executáveis as políticas públicas direcionadas aos povos indígenas, bem como ao ensino nas escolas não indígenas, criando assim conhecimentos científicos que possam embasar tais diretrizes. Indiretamente será possível a elaboração de pressupostos que abarcarão outras etnias, tais como elementos levantados no mesmo projeto acerca das possibilidade de uma luta corporal da etnia Xetá (pertencentes a outro tronco linguístico, Tupi-Guarani) elencando assim as singularidades e aproximações culturais e subjetivas de cada etnia.

No que se refere a cosmologia do etnia Kaingang, Telêmaco Borba (1908) descreve o mito da origem Kaingang, originando assim divisões exogâmicas, os Kamé e Kairu, destarte em suma os casamentos entre os membros da comunidade só poderiam ser realizados entre os diferentes clãs,

Kamé com Kairu e Kairu com Kamé, mantendo assim alianças entre diferentes facções.

“Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergindo toda a terra habitada por nossos antepassados. Só o cume da serra Crinjijimbé emergia das águas. Os Caingangues, Cayrucrés e Camés nadavam em direção a ela levando na boca achas de lenha incendiadas. Os Cayrucrés e os Camés cansados, afogaram-se; suas almas foram morar no centro da serra...”Depois que as águas secaram, os Caingangues se estabeleceram nas imediações de Crinjijimbé. Os Cayrucrés e Camés, cujas almas tinham ido morar no centro da serra, principiaram a abrir caminho pelo interior dela; depois de muito trabalho chegaram a sair por duas veredas” (Borba 1908:20-21).

Frente as divisões exogâmicas, há inúmeros rituais que reafirmavam a condição de cada integrante, entre eles o Kiki (ritual de celebração dos mortos), o ritual do casamento, dentre outros relevantes, lanço mão descrição de Barbosa (1947) apud Fasshebeer (2010) acerca de práticas que futuramente foram chamadas de Pinjirê e Canjirê (realizado com da mesma forma com as toras em brasas.) :

Estando os guerreiros armados com os ‘cá’, enormes e pesados porretes de madeira fortíssima, avançavam, de um lado e de outro, estendidos em linha, os Camens dos dois partidos, soltando gritos e insultando-se mutuamente, dando pancadas no chão ou nas árvores, tudo com o fito de atemorizarem os contrários e incentivar a própria coragem; enquanto isso, os Canherucrens ficavam em outra linha, à retaguarda, brandindo os ‘cá’ e juntando seus gritos aos dos da vanguarda. Num dado momento, chegada a exaltação no auge, começava o recontro, e os combatentes, ora defendendo-se, ora atacando, a manejarem os porretes em paradas parecidas com as do conhecido ‘jogo do pau’, trocavam-se pancadas terríveis que, se colhiam a cabeça do adversário, estendiam-no morto no chão, se a uma perna ou braço, quebravam-no. Nisto os Camens iam se retirando para a retaguarda e sendo substituídos pelos Canherucrens; a pugna tornava-se então mais encarniçada, referviam os golpes tremendos, aumentava o clamor das vozes e o solo se ia juntando de mortos e estropiados (Barbosa, 1947, p. 66)

Nas saídas de campo fora possível identificar e relatar as práticas de lutas contemporâneas, inicia-se com a divisão Exogâmica tradicional dos Kaingang, ou seja, entre os Kamés(riscados) e Kairus (redondos), estes vão caminhando juntos, dançando e cantando os cânticos antigos e vão aos poucos se separando, ficando assim enfileirados paralelamente de modo que os componentes de cada facção estejam olhando diretamente para a facção oposta, e assim se encaram por um tempo quando enfim um Kamé segue a frente e desafia um Kairu com tamanho e peso proporcionais. Fato relevante é que sempre um Kairu chamará o outro Kamé para a disputa, dada a característica etnográfica os Kairus são mais dinâmicos e impetuosos, entretanto menos insistentes que os Kamés, como Neoli(antigo cacique de Boa Vista) relatou é uma prática complementar que expressa a forma de pensar do Kaingang.

Ambos se aproximam do centro, quando se encontram as partes pertencentes também se aproximam e vão “narrando” a luta, até que enfim um dos integrantes consegue a queda, são substituídos por outros lutadores, assim as lutas vão seguindo até que enfim todos lutem.

A disputa consiste basicamente em fazer pegadas similares ao do Judô e ao Submission (modalidade do Jiu-Jitsu sem presença de Kimono), e não há presença de quimonos como no caso do Judô, as pegadas são realizadas com os dois braços flexionados, geralmente quando o lutador é destro sua mão predominante faz a pegada na região da nuca do adversário, e sua mão complementar por volta do cotovelo ou até diretamente apoiada no bíceps e tríceps do adversário.

Não são permitidos socos, pontapés ou quaisquer golpes traumatizantes, bem como ataques de quadril (conhecidos no Judô como Koshi-Waza) , Pernas (Conhecidos no Judô como Ashi-Waza e Sutemi-Waza) e as rasteiras conhecidas na Capoeira como a Vingativa dentre outros. Logo a luta desenvolve na disputa de pegada, com a tradicional esgrima (termo utilizado no jiu-jitsu como a tirada de espaço entre os corpos realizada pelo braço aproximando os troncos e permitindo assim golpes mais variados) .

Passado este momento que pode variar de acordo com a dinâmica de ataque de cada lutador, é possível a entrada de golpes de queda como a conhecida e popular Baiana do Jiu Jitsu, ou Morote Gari como conhecida no Judô, que pode ser a Single Leg, variando no ataque de uma ou duas pernas. Outra possibilidade de vitória na luta tradicional Kaingang são os ataques de braços, nestes há uma projeção completa do corpo do lutador, envolvendo quadril de forma secundária, dado que o ataque é realizado pelo braço, o que é conhecida no Judô como as técnicas de Te – Waza.

No desenvolver das lutas tradicionais Kaingang, não há a noção competitiva, como relatos dos próprios lutadores é um fazer cíclico, e por final muitas vezes todos lutam contra todos, não há competição entre as partes exogâmicas, mas sim cooperação entre ambos pois a finalidade principal é desenvolver bons e bravos guerreiros e mobilizar o sentimento Kaingang e cada Guerreiro que habita a comunidade .

Fassheber(2010) em seu livro intitulado o “Etno-desporto Indígena e a Antropologia Social e o Campo entre os Kaingang” conceitua o Etno-Desporto como uma manifestação das peculiaridades culturais no âmbito esportivo, e que no caso dos Kaingang há uma ressignificação cultural de práticas identificadas no início do séc. XX.

Em suma, não desenvolveremos no prisma da Antropologia Social, mas sim com o Materialismo-Histórico Dialético, proposto inicialmente por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1885) e trazido ao campo da psicologia soviética por Vygotsky, Luria e Leontiev. Contudo lançamos mão da minuciosa e precisa análise de Fassheber(2010) acerca das transformações ocorridas entre as práticas tradicionais como o Canjirê e Pinjirê e os Esportes tidos como Modernos no caso de Vôlei e principalmente o Futebol.

Nos esportes Tradicionais como o Pinjirê possuem as seguintes características: difusão, organização informal implícita na cultura local; normas simples e orais legitimadas pela tradição; padrões de jogos maleáveis, tendência para mudar ao longo do tempo e, do ponto de vista dos participantes,

imperceptíveis quebras (cortes); variações regionais das normas, tamanhos e formatos das bolas; limites não fixos de territórios, duração e participantes; influência forte de diferenças naturais e sociais no padrão do jogo; nível alto de tolerância física socialmente, emoções espontâneas; ênfase na força física como oposta à habilidade; pressão da comunidade forte para participar da individualidade identidade subordinada a identidade de grupos, teste de identidade em geral; contexto local significativo e igualdade relativa de habilidades dos jogadores entre os lados, não chances de reputação nacional ou pagamentos financeiro.

Já nos jogos tidos como modernos temos as seguintes características: Organização formal específica, institucionalizada a nível local, estadual, nacional e internacional; normas formais e escritas, trabalhada pragmaticamente e legitimadas por meios racionais e burocráticos; jogado num campo espacial limitado com delimitação claramente estabelecida, dentro de limites de tempos fixos, e com número de participantes fixos, distribuídos igualmente entre os lados; minimização, principalmente por meio de regras formais e adaptações tecnológicas, das influências naturais e diferenças sociais nos padrões de jogos, de igualdade e gentilezas; controle social formal pelos árbitros, que estão fora do jogo e são oficialmente destinados e certificados pelo setor responsável. Quando ocorre uma falta, o jogo para e penalidades são cobradas; nível baixo de tolerância física socialmente, controle emocional alto e contenção alta; geração numa forma controlada e “sublimada” de prazer e excitação na partida.

Tais características, demonstram claramente a passagem de um sensitivo emotivo, para um racional sistematizado, este mover cai diretamente em confluência com o desenvolver Vigotskiano, no que o autor chama de salto qualitativo de memória.

Martins(2008) ressalta o materialismo histórico dialético, como uma forma de superação real da visão atomista e culpabilizante sobre os desenvolveres múltiplos humanos, ou seja, partindo para o Materialismo Dialético concebe-se a realidade como *material*, existente independentemente

da consciência humana. Sendo a matéria o dado primeiro da existência, a consciência depende diretamente da materialidade que circunda o indivíduo, visto que a realidade é mutável e não-estática, dependendo assim da relação ativa entre o **homem e a natureza**.

Esta vertente de pensamento o trabalho se faz imprescindível, tais autores consideram este não como biológico ou uma mera atividade ocupacional, mas concebem tal prática como um processo dialético entre o homem e natureza. Destarte, o homem medeia sua vida em um processo constante e direto com a natureza. Para tal relação Martins(2008) lança mão da metáfora, na qual os homens regulam seu “metabolismo” a partir da natureza e do trabalho, dado que a sobrevivência do homem só se faz possível em constante relação com ela.

Duarte(1993) apud Martins(2008) destaca que a *apropriação* e a *objetivação* são de suma importância para a compreensão do Materialismo Dialético, pois os homens criam as circunstâncias. Partindo das possibilidades materiais se apropriam de algum conhecimento seja material ou abstrato, e a partir desta apropriação objetivam-se, transformando a ação anterior em objeto de seu saber que agora desenvolve.

Assim os indivíduos objetivados socialmente nada mais são que o resultado de uma prática histórica, a partir da instrumentalidade, linguagem, ciência, arte e todas as formas historicamente construídas. Tal realização só é possibilitada por meio da apropriação norteadas por indivíduos ativos, como os professores, que trazem a luz da consciência humana elementos científicos em si. Para o materialismo histórico apenas a apropriação das objetivações podem transformar o indivíduo do ser biológico em ser cultural. Quando há um controle de sua capacidade biológica de maneira voluntária, desenvolvem-se assim suas FPS (funções psicológicas superiores).

Mas importante frisar, que não buscamos uma visão etnocêntrica, pontuando dois momentos históricos claramente distintos, muito menos pontuá-los como melhores ou piores, mas para além da *lógica formal* e sim pautando-se no processo ocorrido e as possibilidades do desenvolver das

potencialidades humanas, que para Vigotski, são juntamente com nossa condição histórica, em si inatas e carecem de desenvolvimento ativo.

Posto os pressupostos epistemológicos e o caráter ideológico da presente reflexão, partimos agora para a conceituação das funções psicológicas superiores e o conseqüente salto qualitativo. Para Vygotski(1996) as funções psicológicas superiores são imprescindíveis para o convívio social e para a caracterização do homem como cultural. Pontuaremos que para a Psicologia Histórico-Cultural as FPS se desenvolvem pela apropriação da cultura na qual o indivíduo está inserido, sendo assim, se faz imprescindível a mediação de forma ativa por parte do meio social. Para que desta forma ocorra apropriação de conhecimentos historicamente construídos pelas gerações passadas.

Fazendo uma retomada do desenvolvimento filogenético, ao descrever os povos primitivos, Vygotski(1996) descreve-os primeiramente pela destreza com que lidam com o meio, sendo extremante adaptados a condição de vida existente. Ressalta relatos de inúmeros viajantes sobre a competência primitiva de encontrar caminhos. O autor então indaga se haveria alguma diferença biológica entre o homem primitivo e o homem cultural, levantando assim algumas considerações.

Primeiramente, no que tange o biológico, não há diferenças significativas entre os homens culturais e os primitivos, no entanto destaca-se que o desenvolvimento do homem primitivo global caminha diferentemente do desenvolvimento do homem cultural. Frisando que o desenvolvimento do homem primitivo cessa logo após a puberdade, e que este desenvolver fica estagnado precocemente, justamente pelas condições culturais impostas.

As capacidades ainda não elaboradas são treinadas e desenvolvidas em uma interpretação direta de sentidos e fenômenos da natureza, e sobretudo sem a capacidade de abstrações e dos usos de signos, estando assim as práticas cognitivas primitivas a deriva do meio natural.

Para uma maior explanação lançamos mão da citação de Vygotski (1996) ao descrever que o modo de pensar primitivo se mostraria falho frente à instrumentalidade humana historicamente construída:

É fácil demonstrar, porém, que objetivamente falando, exatamente esse homem também manifesta pensamento lógico em todas as circunstâncias em que a atividade está orientada para a adaptação direta à natureza. A invenção e o uso de instrumentos, a caça, a pecuária e agricultura e a guerra, tudo isso exige dele pensamento real, não só aparente. De maneira plenamente justificada um crítico observou que o homem primitivo presumivelmente pereceria no dia seguinte caso não pensasse realmente no sentido pretendido por Levy-Bruhl. (VYGOTSKY, 1996, pág 101)

Destarte, não pode-se excluir o caráter lógico no pensar dos homens primitivos, nem tampouco negligenciar elementos culturais importantes como a própria divisão exogâmica e as lutas em si, sem que estas estejam presentes e permeiam muito das relações. No entanto como próprio Vygotski (1996) ressalta, o pensamento lógico ainda não foi suficientemente desenvolvido.

Segundo Vygotski (1996), a atenção voluntária desempenha um papel importante na organização do comportamento do homem, a fim de que ele possa se preparar para realizar determinada atividade. Distinguir os estímulos provenientes do ambiente torna-o capaz de organizar suas reações e manter o foco no objetivo.

Quando trazemos a questão da memória, supomos haver uma real e até mais clara proximidade para a descrever o processo em si das transformações no lutar Kaingang, seguindo os postulados teóricos Vygotski(1996), cairemos em dois pontos relevantes o primeiro referente ao homem primitivo e suas “qualidades”. O segundo tratando dos ganhos da sistematização e abstração no desenvolver do pensar com o consequente salto qualitativo.

A memória do homem primitivo é, sob muitos aspectos, inferior à memória do homem cultural. Enquanto lança mão de signos mais elaborados como a escrita para se lembrar, o homem primitivo só pode contar com sua memória direta e visual. Muitos exploradores ficavam intrigados com a capacidade do homem primitivo de reproduzir visualmente de maneira literal um objeto ou uma imagem vista anteriormente.

A memória natural ou eidética ainda que raramente encontrada em adultos não-indígenas contemporâneos, foi amplamente desenvolvida em povos primitivos e caracteriza-se como o primeiro estágio para a formação da linguagem ao longo do desenvolvimento humano. Esta é de suma importância para o “homem primitivo”, pois geralmente delimitava-se a descrever os fatos ocorridos sistematicamente. A riqueza de detalhes justifica-se pelo não uso de signos e ausências de abstrações complexas, podendo assim contar sempre com sua memória de forma direta, diferentemente do homem cultural que possui a capacidade de abstração e sistematização.

Sinteticamente as conseqüências de ter de se lembrar de tudo, eideticamente, em si quase que unicamente de forma visual.

A forma mais freqüentemente observada de memória admirável do homem primitivo, é a chamada memória topográfica, isto é, memória do ambiente, ela armazena as imagens do ambiente nos mínimos detalhes, munido assim, o homem primitivo da capacidade de localizar-se com uma segurança que espanta o homem europeu. (Vygotski, 1996)

No que se refere a esta forma primitiva de memória, há um desempenho diferente do homem cultural, supomos assim que os pensamentos em tempos de Pinjirê preservam representações com riqueza de detalhes, de forma acurada e emocional. Entretanto, esta memória, se mostra parcial, justamente no que tange as percepções, pelo fato de que muitas vezes são indiferenciadas, ou seja, não sistematizadas como mostrava-se a dinâmica dos Jogos Tradicionais descrita por Fassheber(2010).

Gradativamente, no evoluir Filogenético, surgem signos que se distanciam cada vez mais de suas representações materiais dando origem à escrita hieroglífica. A herança da escrita para as civilizações atuais resume-se nas experiências que foram acumuladas através de livros, manuscritos, e todos os outros vestígios rupestres que devem-se à memória baseada em signos.

Tem-se então, as formas primeiras de memória como dominadoras da consciência humana, pautadas no eidetismo acrescido de situações de

fortes emoções, posteriormente é possível identificar no desenvolver gradativo ao longo do processo histórico um grande salto no desenvolvimento humano.

Em suma, fica notória a transformação no lutar Kaingang, seja em momentos primeiros da colonização, até as práticas tidas como “novas” como o futebol, no entanto quanto a luta, ainda carece de estudos mais detalhados acerca da origem precisa deste novo lutar Kaingang. Ainda frente a todas as alterações e influências os Kaingang ainda mantém suas características Beligerantes.

O transformar psíquico inferido no presente artigo, tratado como processo, se caracteriza-se como o passar claro da ausência de controle emotivo, eidetismo, não sistematização para o controle emocional, abstração e principalmente sistematização. No entanto, ainda acerca das lutas tradicionais, muitas são as incógnitas tanto acerca das práticas bem como para os sentidos que estas têm, abre-se espaço para novas considerações e críticas, mas acima de tudo, como esperamos, uma real possibilidade interdisciplinar entre a Psicologia e a Educação Física, ao passo que se complementam confluindo assim pra interpretações férteis.

Para que em um futuro muito breve possam haver práticas pedagógicas no ensino indígena e não-indígena, revelando assim a historicidade dos Kaingang que não pode ser desvinculada ao próprio estado do Paraná.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. A. M. (Org.) *Psicologia Escolar: Teorias Críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 13-77.

FASSHEBER, J.R. *Etno Desporto Indígena, A Antropologia Social e o campo entre os Kaingang*, ed.1, Brasília 2010.

MEIRA, M. E. Construindo uma concepção crítica se Psicologia escolar: contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Sóciohistórica. In: MEIRA, M. E. M.;

MOTA, Lucio Tadeu, Os Kaingang do vale do rio Ivaí: história e relações interculturais/Lúcio Tadeu Mota, Éder da Silva Kodak. – Maringá : Eduem, 2008

\_\_\_\_\_, Lucio Tadeu, A Guerra dos Índios Kaingang: A história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924) –Maringá:Eduem, 2009

RIBEIRO, Darcy, Os índios e a civilização, a integração dos povos indígenas no Brasil moderno. Petrópolis: Editora Vozes, 2ªed.1977

VIGOTSKI, Liev Semiónovitch. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. O método Instrumental

\_\_\_\_\_, L. S.; Luria, A. R. Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

\*Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá UEM (2010),

\*\***G**raduada em Educação Artística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP (2007), professora no Ensino Fundamental e Médio. Maringá, Pr.